

MEMÓRIAS SILENCIADAS: OS ESQUECIDOS DA GUERRA DO PARAGUAI NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Data de aceite: 02/05/2024

Marcelo Santos Rodrigues

Licenciado em História pela Universidade Católica do Salvador – UCSal; Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia - UFBA; Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo- USP. Professor Associado III de História do Brasil Império na Universidade Federal do Tocantins

RESUMO: Este artigo tem como objetivo evidenciar as consequências da Guerra do Paraguai no Brasil do século XIX, destacando relatos de viúvas, órfãs, mutilados esquecidos pelo governo monárquico após o término da guerra. Utilizando fontes históricas oficiais, como também jornais da época, o texto mostra as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos, desde a busca por reconhecimento e assistência até o sofrimento causado pela negligência do império brasileiro. Além disso, é crucial considerar as vozes e experiências dos menos favorecidos na construção da narrativa histórica, a fim de que possam encontrar um lugar na história.

PALAVRAS-CHAVE: História – Guerra do Paraguai – Esquecimento – Viúvas – Órfãos – Mutilados de Guerra

SILENCED MEMORIES: THE FORGOTTEN OF THE PARAGUAYAN WAR IN BRAZIL IN THE 19TH CENTURY

ABSTRACT: This article aims to highlight the consequences of the War of the Triple Alliance (also known as the Paraguayan War) in 19th century Brazil, focusing on the accounts of widows, orphans, mutilated individuals, and other forgotten soldiers by the monarchic government after the war's end. Using official historical sources as well as newspapers from the time, the text portrays the difficulties faced by these individuals, from seeking recognition and assistance to enduring the suffering caused by the negligence of the Brazilian Empire. Additionally, it is crucial to consider the voices and experiences of the less privileged in the construction of the historical narrative, so that they may find a place in history.

KEYWORDS: History - Paraguayan War - Forgotten - Widows - Orphans - War Mutilated.

A Guerra do Paraguai, que ocorreu entre 1864 e 1870, foi um dos conflitos mais devastadores da América do Sul, envolvendo o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai. A principal causa da agitação residia nas disputas territoriais e nas ambições expansionistas das potencialidades regionais. O líder paraguaio, Francisco Solano López, buscava reafirmar sua liderança na região e expandir seu território, enquanto as nações parceiras buscavam conter essa expansão e proteger seus interesses financeiros. A guerra deixou um rastro de destruição e sofrimento, com grandes perdas humanas e materiais para todas as partes envolvidas.¹

Após seis anos de guerra, o conflito finalmente chegou ao fim com a derrota do Paraguai. As consequências foram desastrosas para o Paraguai, que ficou arrasado econômica e politicamente. A sua população sofreu enormemente os efeitos devastadores da guerra. Milhares de paraguaios perderam suas vidas durante o conflito, resultando em uma grande quantidade de viúvas e órfãos.

Enquanto isso, no Brasil, a narrativa nacional, moldada tanto pela monarquia quanto pela república, exaltava os feitos heroicos de líderes militares como Caxias, Osório, Tamandaré e Barroso durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). Seus feitos foram imortalizados em monumentos, ruas, avenidas e uma vasta literatura sobre o conflito, contribuindo para a construção do passado nacional após batalhas em território inimigo.

Nos primeiros anos após a Guerra do Paraguai, os estudos historiográficos sobre o conflito foram, sobretudo, influenciados por relatos memorialistas. Essas obras foram, na maioria das vezes, escritas por pessoas que participaram ativamente da campanha, especialmente ocupando cargos de liderança nas forças armadas, sobretudo no exército brasileiro. Dentre os protagonistas, destaca-se o Duque de Caxias, que liderou as forças aliadas até a ocupação de Assunção, capital paraguaia.

Com o advento da República, a historiografia militar continuou a enfatizar os feitos do exército, ignorando a participação de outros personagens relevantes durante o conflito. Essa abordagem acabou por criar uma narrativa oficial sobre a Guerra do Paraguai, que, apesar de ter muitos detalhes sobre as conquistas militares, não captava totalmente a complexidade e a diversidade de experiências vividas durante aquele período difícil.

É importante reconhecer que essa corrente historiográfica teve um papel relevante na construção da memória coletiva em torno da guerra, mas também é importante abrir espaço para uma análise mais ampla, que leve em conta diferentes perspectivas e vozes históricas, a fim de ampliar os objetos relacionados à guerra do Paraguai.

1. Uma análise ampla da Guerra do Paraguai pode ser vista nas seguintes obras: FRAGOSO, Augusto Tasso. História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado Maior do Exército, 1943, 5.V.; DO-RATIOTO, Francisco. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; JORDAN, Emílio Carlos. Guerra do Paraguay. Rio de Janeiro: Typografia de Leammert e Cia, 1890; THOMPSON, George. La Guerra del Paraguay. Assunção: RP Ediciones, 1992; COSTA, Wilma Peres. A espada de Dâmocles; o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império. São Paulo: Hucitec, 1966; SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; SOUSA, Jorge Prata. Escravidão ou morte: os escravos brasileiros na guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Mauad/Adesa, 1996.

Contudo, há uma parcela de combatentes brasileiros, mas cujas contribuições épicas foram negligenciadas pela história oficial. Este texto tem como objetivo resgatar a memória da intensa e terrível campanha contra o Paraguai, examinando os apelos feitos ao monarca por meio de documentos que, até o momento, têm sido analisados de forma insuficiente pelos historiadores. Através desses registros, serão contadas histórias de pessoas anônimas, cujas trajetórias foram obscurecidas pelas narrativas dominantes da Guerra do Paraguai. Este esforço ajuda a entender melhor esse período importante da história do Brasil.

Em 19 de dezembro de 1869, uma subscrição popular foi aberta para a realização de um baile em homenagem ao voluntário da pátria Francisco Benedicto de Mattos, que havia retornado recentemente do Paraguai. Uma comissão foi nomeada para realizar este evento, dedicando todos os esforços para atingir o objetivo desejado.

Francisco de Mattos foi um dos primeiros a se inscrever no 7º Corpo de Voluntários de São Paulo, mas uma doença grave o deixou inválido. Após quatro anos servindo na campanha, finalmente voltou ao convívio familiar. No dia de sua chegada, recebeu uma recepção calorosa por parte da população, reconhecendo a sua coragem e dedicação.

A imprensa de Campinas publicou a homenagem dos concidadãos ao Capitão Francisco de Mattos, destacando: “Nesta época de desgraças em que as medalhas e as recompensas oficiais nada significam, porque na realidade nada valem, é justo que o povo se levante e em suas sinceras orações dê ao heroico soldado a única recompensa digna do verdadeiro mérito.”²

Bem longe dali, Maria das Neves de Jesus, uma viúva pobre, morava nos limites da freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do Passe, na província da Bahia, acompanhada por três filhas, duas delas ainda crianças. Seu único filho, Antônio Fernandes de Britto, ajudava a família e foi recrutado para servir na Marinha em 3 de outubro de 1866. A trajetória dessa família mostra o destino compartilhado por muitos que tiveram filhos, pais e irmãos envolvidos em conflitos no sul do Império.

Bem longe dali, Maria das Neves de Jesus, uma viúva pobre, morava nos limites da freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do Passe, na província da Bahia, acompanhada por três filhas, duas delas ainda crianças. Seu único filho, Antônio Fernandes de Britto, ajudava a família e foi recrutado para servir na Marinha em 3 de outubro de 1866. A trajetória dessa família mostra o destino compartilhado por muitos que tiveram filhos, pais e irmãos envolvidos em conflitos no sul do Império.

Com a guerra se arrastando há quase dois anos e as notícias dos jornais mostrando um aumento acima do esperado, Maria das Neves resolveu pedir ao presidente de sua província o relaxamento da prisão de seu filho, alegando injustiça por ele ser o único sustento de suas três irmãs solteiras e dela mesma.³

2. BN/RJ. Gazeta de Campinas, São Paulo, 7 de Nov. 1869.

3; APEBa. Seção Colonial e Provincial. Série Polícia maço 2959

A viúva procurou, na ocasião, o vigário Gustavo Sá Barreto, para que ele pudesse atestar o comportamento exemplar do primogênito que sustentava a família. Maria Neves de Jesus não teve o seu pedido atendido, pois, mesmo com o atestado que assegurava à isenção do filho, o capitão da fragata, responsável pelo recrutamento, foi irredutível, tratava-se de dias difíceis aqueles.

Durante a guerra, muitas pessoas fizeram pedidos para a secretaria de guerra, presidentes de províncias, quartéis e outras autoridades públicas. O processo burocrático de enviar um ofício, a necessidade de anexar documentos adicionais aos pedidos, somados à distância entre as províncias e a capital do império, o Rio de Janeiro, tornava os processos mais lentos, custosos e longos, levando anos para se obter uma resposta.

Com o fim da guerra, muitos soldados retornaram às suas províncias celebrados como heróis que defenderam a pátria. No entanto, o destino de Antônio Fernandes de Brito, o voluntário da pátria, permaneceu obscuro. Os documentos analisados não nos permitiram localizar o autor, e sua história foi esquecida com o decorrer do tempo. Sem as honrarias concedidas pelo império, é provável que ele tenha enfrentado o mesmo destino de outros soldados, sepultados em valas comuns marcadas por cruces toscas de madeira nos campos paraguaios. A mãe talvez nem mesmo tenha conseguido reencontrar o filho querido.⁴

Na reconstituição da história de muitos outros soldados que retornaram da guerra, é plausível conjecturar sobre o destino de Antônio de Britto, assim como o futuro de sua família, que sofreu humilhações após o conflito. Abandonados à própria sorte, muitos voluntários foram forçados a depender das esmolas concedidas ainda durante a guerra para garantir sua sobrevivência. Como resultado, muitos deles caíram na indigência e foram completamente esquecidos pela história.

O sentimento da humilhação reivindica para si a afronta, o vexame e o rebaixamento moral. Esse é o significado do termo em latim, na sua etimologia histórica desde o século XVIII.⁵ Certamente, era esse o sentimento que Maria das Neves de Jesus carregava quando implorou ao governo pelo retorno de seu filho, o único sustento de uma família e de três jovens donzelas.

Este texto aborda o esquecimento histórico e a falta de reconhecimento aos homens e mulheres comuns que participaram da campanha, seja enfrentando o inimigo nas fronteiras do país ou lutando pela sobrevivência em sua própria terra. A guerra de Lopez, como ficou conhecida na época, representava a guerra da humilhação, que permaneceu ausente dos registros históricos do Brasil após o término do conflito.

4. APEBa. Seção Colonial e Provincial. Série Polícia maço 2959

5. LOPREATTO, Christina. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Colóquio Internacional. Cardenos de Resumo. 03 a 07 de maio de 2004, Campinas – SP: UNICAMP, p. 17.

Nos interessa explorar aspectos que nos ajudem a compreender a experiência da violência, do sofrimento, da dor e do esquecimento. Buscamos resgatar a história dos que foram deixados de lado nas investigações conduzidas por historiadores da guerra, muitos dos quais anteriormente dedicados à mitificação e ao culto aos heróis nacionais, ou focados na análise das razões políticas por trás do conflito.

A historiografia da Guerra do Paraguai registrou os discursos exaltados pelo Estado, que incluíam paradas militares, hasteamento de bandeiras, comemorações cívicas e religiosas, e desfiles nas ruas da capital do Império. Apesar de a memória oficial enfatizar uma guerra vitoriosa e o culto cívico aos generais nos campos de batalha, nossa intenção é resgatar outra perspectiva da história, evitando a repetição dos eventos lembrados pela nação brasileira durante os anos seguintes à vitória brasileira na região do Prata.

Sem hesitação ou dúvidas, arrisco-me a explorar os ressentimentos presentes na história. Tento narrar as histórias das viúvas, órfãos e mutilados, em uma tentativa que se encerra na definição de Pierre Ansart: “ressentimento significa evocar a parte sombria, aterrorizadora da história.” Este caminho revela as reticências do presente na trajetória de vida do próprio pesquisador, expressas em sentimentos como ódio, inveja, desejo de vingança e o próprio fantasma da morte.⁶ A partir dessas referências, dirijo meu olhar para aqueles que desapareceram tão completamente que seus nomes foram esquecidos por todos. Rememorar esse passado pode ser um exercício temerário, repleto de sofrimento.

No início do ano novo, o *Alabama*, um periódico publicado em Salvador, publicou a seguinte observação em suas páginas:

Causava profunda compaixão percorrer as ruas da Lapa, Forte de S. Pedro e porta da repartição da polícia. Senhoras desgrenhadas, em estado de delírio, clamavam contra céus e terra, lamentando seus maridos, irmãos e pais que haviam sido recrutados, com exclamações que tocavam até o coração mais insensível.⁷

Esses indivíduos estavam imersos na indiferença, tornando-se inúteis e impotentes, e sofreram nos anos seguintes à guerra, tendo que ser completamente esquecidos. O historiador tem a responsabilidade de transmitir aquilo que a tradição oficial ignora. Dessa forma, Jeanne Marie Gagnebin, ao analisar o texto sobre o narrador de Walter Benjamin, analisa essa tarefa paradoxal de transmitir o inenarrável, mantendo-se fiel ao passado e aos mortos, mesmo quando não conhecemos seus nomes nem seus significados.⁸

A humilhação começou antes mesmo de chegar à corte. Em 29 de maio de 1865, foi divulgado pelo jornal *O Tempo* o espetáculo que ocorreu na província da Paraíba com a chegada de cerca de 30 guardas nacionais para o destacamento de guerra, todos com correntes no pescoço, e um cortejo de mulheres e crianças que acompanhou o mesmo

6. ANSART, Pierre. História, testemunho e Memória. In: BRESCIANI, Stella e Naxara Márcia (orgs.) Memória (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 2000, p. 15.

7. IGHBa. *O Alabama*, Salvador, 04 de jan. de 1869.

8. Ver o narrador in: BENJAMIN, Walter et. all. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 57-86. (Os Pensadores).

destacamento, acompanhados por seus maridos e pais.⁹ Era um espetáculo desolador: esposas que seguiam o cortejo com os maridos acorrentados; filhos que guardariam na memória à imagem do pai humilhado. A cena descrita no jornal remete a uma imagem de procissões medievais para ostentação dos suplícios.

Dois dias depois o mesmo jornal comentou que: ficaram na cidade grande quantidade de mulheres, a quem não foi permitido acompanhar seus maridos e que na ocasião do embarque, muitas esposas acompanhadas dos filhos estavam no cais, para aumentar o coro e as exclamações dando uma fisionomia de tristeza à despedida da tropa.¹⁰ Era um espetáculo possível de ser visto em diversas partes do país. Na Bahia, província que enviou um dos maiores contingentes de soldados para a guerra, também ocorreu o recrutamento forçado e humilhante.

Em janeiro de 1869, quando as forças já exauridas das tropas necessitaram de serem repostas com novas levas de soldados, o jornal O Alabama noticiou ter visto cinco sujeitos, algemados e acorrentados pelo pescoço, procedentes de Caitite, no vapor que vinha da cidade de Cachoeira. E, criticando a atitude do governo imperial, afirmou em suas páginas que o Brasil para civilizar o Paraguai o tomava dinheiro emprestado e derramava a jorros de sangue de seus filhos.¹¹

O mesmo jornal ainda mencionou que os homens estavam acorrentados pelo pescoço, como se fossem animais selvagens, expostos em um espetáculo, desde a cidade baixa até a secretaria da polícia da Bahia. A cidade era palco de cenas aflitivas e comoventes. Durante o trajeto até a prisão, os recrutas foram observados por populares que, à distância, testemunhavam a cena. O público dividia-se entre sentimentos de compaixão e entretenimento: alguns lamentavam o triste episódio, enquanto outros encaravam o cortejo dos soldados acorrentados como motivo de zombaria, apontando-os como simples camponeses desafortunados.¹²

Em março, os guardas de polícia Paulo José de Souza e José Celestino protagonizaram a cena. Chegaram os desafortunados da cidade de Lençóis e, conforme o jornal, foram submetidos a torturas corporais tão terríveis que não ficavam atrás das praticadas durante a Inquisição.¹³

Um deles estava quase cego, como resultado dos golpes desferidos em seus olhos. A deserção, frequentemente, acarretava graves consequências para aqueles capturados, e não era incomum presenciar o desfile dos soldados que se recusaram a servir à pátria. Isso servia como um aviso intimidador para qualquer outro soldado que considerasse desertar. Mas por que desertavam? Seria por impulso da covardia, um traço que também faz parte da natureza humana? Ou talvez fossem motivados pelo descaso do governo em relação à condição dos soldados mutilados que retornavam à nação, humilhados pela falta de reconhecimento de seus direitos e pela recusa dos auxílios devidos pela corte?

9. BN/RJ. Jornal O Tempo. João Pessoa, 29 de mai. de 1865.

10. BN/RJ. Jornal O Tempo, João Pessoa, 29 de mai. de 1865.

11. IGHBa. O Alabama, Salvador, 22 de jan. de 1869.

12. IGHBa. O Alabama, Salvador, 30 de jan. de 1869.

13. IGHBa. O Alabama, Salvador, 6 de mar. de 1869.

O sentimento de humilhação tinha o objetivo de degradar moralmente o desertor, além de infligir sofrimentos físicos. Desta forma, buscava-se desintegrar o indivíduo enquanto membro de um grupo social. A exposição desses soldados era uma visão vexatória para todos os que transitavam pela cidade, uma prática recorrente ao longo do tempo. A dor mais intensa residia na alma, ultrapassando até mesmo os ferimentos físicos adquiridos nos campos de batalha.

Os sentimentos de vexame, vergonha e humilhação são paradoxais porque residem na interioridade, na esfera mais íntima do ser, no caráter instável e efêmero do não-dito, ignorado ou reprimido, e, no entanto, exigem uma forma e expressão para serem compreendidos.¹⁴ João Carlos de Souza França deixou Salvador no batalhão comandado pelo coronel Modim Pestana. Participou dos combates nos dias 18 e 24 de maio e foi atingido por um tiro na perna direita. Ao retornar à sua cidade natal, encontrou-se em uma situação de extrema necessidade e precisou recorrer à mendicância de porta em porta. Sua condição demonstrava a miséria da terra que o havia esquecido e deixado à própria sorte. Durante a guerra, ocorreram cenas semelhantes às descritas por João, o que demonstra a dura realidade enfrentada pelos combatentes após o término do conflito. Esta situação problemática levanta questionamentos sobre o abandono dos veteranos de guerra e a falta de apoio social para aqueles que deram suas vidas pelo país.

Afirmou em crítica contundente O Alabama, Deixai passar a turba de mendigos. Eram homens que traziam no peito da blusa esfarrapada uma fileira de fitas multicores, que atestavam o valor no campo de batalha. “Aqueles fragmentos de fardas ocultavam cicatrizes honrosas obtidas na defesa da pátria. Deixai passar os mendigos!”¹⁵ Exclamava o jornal jocoso da Bahia que aqueles miseráveis eram combatentes que caminhavam pelas ruas sustentados por pedaços de pau, pois haviam perdido suas pernas nas trincheiras inimigas.

Os soldados carregavam as mangas de suas roupas pendentes devido à perda de ambos os braços durante as batalhas em terras paraguaias, enquanto cumpriam sua missão como bons soldados. O jornal também descreveu a condição física de outro soldado: um homem pobre e esfarrapado, que caminhava pelas ruas de Salvador atormentado pela cegueira. Em seu devaneio patriótico, ele saudava o Imperador: “Aquele outro, cujo rosto transformado em medonho crivo, acha-se cego em função de uma descarga à queimadura.” Privado da visão, ele não se calava, bradando pelas ruas: “Viva o Imperador! Viva a nação brasileira.”¹⁶ Concluía o jornal:

Dá-lhes a esmola que resignados vos pedem! Os altos poderes do estado esqueceram-se de seus compromissos, mas esses poderes, só por si, não constituem a nação. Deixai, pois passar incólume a turba de mendigos, e no seu trajeto doloroso e afetivo dá-lhe uma esmola pelo amor de Deus!¹⁷

14. HAROCHE, Claudine e SEIXAS, Jacy. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Colóquio Internacional. Cardenas de Resumo. 03 a 07 de maio de 2004, Campinas – SP: UNICAMP, p. 04.

15. IGHBa. O Alabama, Salvador, 13 de dez. de 1866.

16. IGHBa. O Alabama, Salvador, 13 de dez. de 1866.

17. IHGBa. O Alabama, Salvador, 13 de dez. de 1866.

A Campanha contra o país vizinho levou os soldados ao combate em solo paraguaio e também ao enfrentamento das intempéries sofridas, pela fome e pela rudeza dos acampamentos. Noticiou O Alabama, referindo-se ao cenário da guerra que enfrentavam esses homens:

A maior parte dos soldados andam descalços e quase nus. Os hospitais são barracas de algodãozinho ralo por onde passa a neve, amanhecendo os doentes cobertos dela. Não há ambulância, bem que haja alguns médicos. As barracas têm cinco palmos de altura e seis de largura; mal cabem dois doentes, os enfermeiros são os amigos e feliz do doente que os tem. A bexiga e a diarreia lavram em grande escala. Ha soldados que enlouquecem por estarem com febre e ficam cobertos de gelo.¹⁸

Desejavam retornar para casa e, após vencerem a guerra no campo de batalha, aguardavam o reconhecimento como bravos heróis. A mãe do soldado Antônio Manuel Caetano Pojuca, sargento do 40º de voluntários, dirigiu-se ao governo da província em busca de assistência. No entanto, não recebeu resposta. A pobre senhora não pedia muito, apenas uma ajuda para sepultar seu filho, que faleceu apenas três horas após desembarcar na Bahia. Ele não trouxe consigo um único centavo, pois o governo não havia pago o soldo a que ele tinha direito.

O Jornal o Jequitinhonha, em 15 de agosto de 1869, ecoou em suas páginas a angustiante situação dessa mãe desolada e sofredora, cuja narrativa se entrelaçava com a de inúmeras outras mulheres na mesma condição. “Não há família no Brasil que não tenha de cobrir de luto sem que aos órfãos, aos mutilados e aos mártires fique ao menos a consolação de se haverem sacrificado com o proveito para a glória de seu país.”¹⁹

Órfãos de pai somavam-se ao coro dos suplicantes. Durante o conflito, meninos e meninas pobres ficaram desamparados devido às perdas de seus pais, mortos ou mutilados na guerra. Viúvas desafortunadas e mães desamparadas recorriam à caridade pública em busca de abrigo para seus filhos. Em alguns casos, os próprios representantes do Estado agiam como intermediários para garantir que crianças desfavorecidas fossem acolhidas e protegidas.

Em 1866, o Juiz dos Órfãos Augusto Meneses solicitou ao presidente da Província que providenciasse abrigo para duas crianças, Hélio e Izabel, cujo pai, o capitão César Guimarães, havia falecido em uma batalha no Paraguai. Outro exemplo de pobreza registrado na documentação pesquisada revelava que a causa da miséria de uma família foi o recrutamento de um soldado, que era o provedor do lar. A mãe foi forçada a pedir auxílio ao governo provincial para prover seus filhos, Maria, de 12 anos, e Ana, a caçula, de 5 anos. Desde que seu pai partiu para a guerra, viviam em condições deploráveis.²⁰

18. IHGBa. O Alabama, Salvador, 13 de dez. de 1866.

19. BN/RJ. O Jequitinhonha, Belo Horizonte, 15 de ago. de 1869

20. (CHAVES, Marcos Antonio et al.. Significados de Proteção a Meninas Pobres na Bahia do Século XIX. In: Psicologia em Estudo. Maringá. V. 8, num. Esp., p. 88, 2003.)

As viúvas eram incapazes de prover a educação dos filhos menores quando os chefes de família eram convocados para a guerra. Fabiana estava nessa difícil situação em 1868, quando solicitou ao Presidente da Província que a socorresse e providenciasse o encaminhamento de sua filha pequena para uma casa de caridade. Além dos danos humanos e materiais causados pelo conflito armado, a Guerra do Paraguai também deixou uma grande quantidade de brasileiros órfãos. Segundo o Exército, cerca de 140.000 brasileiros lutaram no conflito entre 1864 e 1870, e 33.000 morreram nos campos de batalha. Essas informações demonstram as consequências devastadoras do conflito e as dificuldades enfrentadas pelas famílias afetadas.²¹

A humilhação era recorrente em todos os aspectos da existência. Sem dúvida, o sofrimento aumentou significativamente, dificultando esquecer os sofrimentos enfrentados durante a guerra. A habilidade do Estado em esquecer-las foi notável, uma vez que diversas das vítimas desse conflito violento estavam espalhadas pelas ruas, marginalizadas e negligenciadas.

Ana Maria Simplicia de Jesus, movida pela necessidade extrema, teve que vender a farda do marido, membro da guarda nacional do 6º batalhão da cidade de Salvador, que fora recrutado e enviado para o Sul. Embora tenha se apresentado ao presidente da província com suas três filhas e ainda grávida de outra criança, suas solicitações não foram atendidas. Ela solicitou, junto às autoridades provinciais, a libertação do marido, o provedor da família, que, ausente, causava dificuldades. Após ser despejada do lar, sem poder pagar o aluguel, ela se viu sem assistência, sem recursos para sustentar a si mesma e aos seus filhos, e recorreu a esse último recurso precário. A farda mencionada estava à venda na loja número 17, na rua do Julião, onde podia ser vista e adquirida.²²

Não era uma tarefa simples para as pessoas recorrerem às autoridades locais e à corte em busca dos direitos garantidos pela lei. Frequentemente, os solicitantes enfrentavam obstáculos burocráticos do governo, o que dificultava a liberação dos auxílios necessários. Um exemplo disso foi o caso de D. Joaquina Augusta Monteiro, que pediu uma pensão equivalente ao soldo do marido falecido, o capitão Luiz Vicente Vianna.

O capitão Vianna foi informado de que sua solicitação só poderia ser analisada pelo Ministério dos Negócios da Guerra, localizado no Rio de Janeiro. Para isso, ela teria que apresentar uma extensa lista de documentos, incluindo a folha de pagamento do marido, as certidões das secretarias do Império e da Guerra, as notas fiscais de pagamentos recebidos ou não, o atestado de casamento do marido, as certidões de casamento e evidências de que ela vivia com ele ou que havia sido separada por desvio de conduta. Esses requisitos mostram as dificuldades das viúvas na busca por assistência, tornando o acesso aos benefícios uma verdadeira via burocrática.²³

21. Cf. Estado-Maior do Exército (1972). História do Exército Brasileiro: perfil militar de um povo. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação IBGE. Apud. CHAVES, Marcos Antonio et al., Op., cit., p. 88.

22. IGHBa. O Alabama, 30 de Nov. de 1867.

23. Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial. Avisos Recebidos do Ministério da Guerra. 1865-

Roque José Pereira, veterano do 29º batalhão do corpo de voluntários, recebeu a medalha de honra devido aos seus atos de bravura durante a campanha contra o Paraguai. No entanto, ao retornar para casa, estava mutilado de uma das pernas, assim como muitos outros combatentes inválidos da guerra. Roque também nutriu esperanças de receber o dinheiro devido pelo governo imperial, uma promessa estipulada pelo decreto de 7 de janeiro de 1865.²⁴

No entanto, sem o devido reconhecimento pelos serviços prestados à nação, Roque José Pereira teve que permanecer nas ruas, relegado à condição de indigente. Apesar disso, o ex-combatente exibia com orgulho a condecoração que possuía no peito, ao invés das vestes andrajosas que o envolviam. Essa imagem contrasta com o comprometimento do Estado em cumprir suas promessas e reconhecer o sacrifício dos veteranos de guerra.

Será que as instituições imperiais não deram o devido apoio aos seus guerreiros soldados, deixando-os na marginalidade depois de seus atos de bravura em defesa da pátria? Essas questões nos fazem refletir sobre a responsabilidade do Estado com os cidadãos, especialmente aqueles que sacrificaram tanto em nome da nação. Desgostoso e praguejando contra a insígnia imperial, ele indagava:

Do que serve este habito de Cristo que vê-me pender no peito, se o governo de minha pátria me deixa morrer a fome; a mim que me mutiléi no serviço dela? Vê esta perna? É uma parte inútil do corpo; só ela recebeu duas balas. Este habito não passa de amarga ironia porque um dia, obrigado pela indignância, me verei em necessidade de ir puxar uma carroça com ele no peito.²⁵

A história que vou contar, por si só, é um documento crucial que mostra a condição humana. Essa narrativa empolgante poderia facilmente se transformar em um romance popular entre os leitores do final do século XIX. O narrador omitiu os nomes dos personagens, mas enriqueceu a narrativa com detalhes, sugerindo uma história ocorrida nos bastidores da guerra, envolvendo personagens esquecidos pelo governo e evidenciando a complexidade burocrática, especialmente quando a suplicante era uma mulher que implorava pela libertação de seu esposo. Além disso, é uma história de amor, compaixão e determinação de uma mulher que acompanhou seu marido nos campos de batalha do Paraguai.

Discutir o sofrimento na história é uma tarefa desafiadora para o historiador, acostumado com suas análises objetivas em busca de evidências concretas. Surge a questão: qual é a relevância da compreensão dos sentimentos humanos? Deixarei que as narrativas daqueles que vivenciaram a guerra forneçam as explicações.

1870, Maço 832.

24. Decreto Imperial que criava os Corpos para o serviço de guerra em circunstâncias extraordinárias com a denominação de - Voluntários da Pátria -, estabelece as condições e fixa as vantagens que lhes ficam competendo.

25. IGHBa. O Alabama, 18 de mar. De 1870.

Em São Gonçalo dos Campos, na Bahia, uma comunidade de pessoas que moravam em terras de um fazendeiro local teve um destino cruel. Alguns moradores, que haviam se pronunciado contra um coronel nas últimas eleições, foram surpreendidos pelo ressentimento e ódio do proprietário, tendo que se juntar a uma grande quantidade de recrutas à força. Entre os recrutados estava um homem casado, com dois filhos. Sua esposa decidiu acompanhá-lo, enfrentando um mundo que estava se deteriorando ao seu redor.²⁶

O casal enfrentou uma longa jornada até Cachoeira, onde o marido ficou alojado na província baiana, aguardando o embarque das tropas para o Paraguai. Enquanto isso, a esposa desesperada começou uma peregrinação pelos gabinetes das autoridades provinciais, buscando a isenção do alistamento para o marido. Seus esforços foram insuficientes, uma vez que foi informada de que o soldado era indispensável para a defesa da pátria. Junto aos homens acorrentados, a pobre mulher seguiu em direção à cidade de Salvador.

Os seus esforços e lágrimas da dedicada mulher, não foram suficientes para libertar o esposo. O homem, casado e pai de dois filhos, partiu forçado para a guerra, ostentando o distintivo de voluntário da pátria. Sua esposa, determinada, não o abandonou, preferindo o infortúnio a ser entregue à miséria.

Após uma jornada cheia de percalços, a esposa fiel acompanhou o marido até Montevidéu, onde adoeceu gravemente em um hospital insalubre. Sem compreender o idioma local, ela vagou por uma terra estranha, desamparada e doente. Eventualmente, uma alma compassiva a trouxe de volta ao Brasil.

Durante seis meses, ela enfrentou dificuldades na corte em busca de assistência para retornar à sua província natal. Por fim, voltou à cidade natal onde trabalhou na lavoura para prover a si mesma e ao seu filho. A seca, contudo, trouxe ainda mais dificuldades, o que a levou a procurar ajuda do governo em meio à sua angústia. Mas, para sua surpresa, foi confrontada com uma burocracia insensível, que exigia documentos impossíveis de obter.

Sem esperanças e sem apoio, ela maldisse a sua sorte e foi logo esquecida pela nação. Contudo, enquanto os primeiros voluntários chegavam em celebração ao término da guerra, ela, uma mulher sem nome, idade e nacionalidade, foi deixada de lado. Fico imaginando sua surpresa e revolta diante das autoridades durante o discurso da vitória. O presidente da província leu a seguinte proclamação, publicada no dia seguinte no jornal O Alabama, em 05 de maio de 1870:

Homens do campo que trocasse o arado pelo fuzil, repetindo os feitos heroicos dos velhos tempos de Roma, voltaí orgulhosos a mais nobre das industrias, e transmiti à vossos filhos, parentes e vizinhos o sentimento de patriotismo que vos seguiu na terra estrangeira, dizei-lhes que no meio dos perigos e por entre cadáveres a pátria sobressai até a família.²⁷

26. IGHBa. O Alabama, 18 de mar. De 1870.

27. IGHBa. O Alabama, 5 de mai. De 1870.

O papel do historiador, assim como qualquer investigação sobre o passado, vai além de simplesmente estabelecer fatos; também envolve a seleção dos mais significativos e a sua contextualização. Nesse processo, Todorov reconhece que a escolha e combinação dos eventos são orientadas não apenas pela busca da verdade, mas também pelo bem.

A análise dos fatos históricos não se limita apenas à reconstrução dos eventos, mas também envolve uma tentativa de compreender o pensamento e os sentimentos dos indivíduos da época, mesmo que estes não se expressem diretamente. Esta narrativa aborda homens mutilados, órfãos, viúvas desamparadas, figuras esquecidas pela história oficial, negligenciadas pelo governo e ignoradas pela sociedade. O desafio de atribuir significado ao estudo das feridas do passado não se trata de provocar vitimização ou compaixão, mas sim de reconhecer a humanidade desses personagens silenciados.

O sofrimento em nome da pátria não pode ser dissociado da dor pela perda de entes queridos. Aqueles que sacrificaram suas vidas pela defesa da nação encontraram apenas ruína e desespero, vendo suas vidas e lares se desintegrarem. Muitos desses soldados eram pessoas comuns, cujo sentido de patriotismo nem sempre era claro, e que acabaram pagando um preço alto por seu idealismo.

A imagem dos mutilados, envergonhados pelo não reconhecimento de sua bravura, expressava o sentimento de humilhação que os acompanhava em qualquer circunstância. As suas feridas físicas eram uma expressão dolorosa do que haviam perdido em termos de dignidade e integridade. Para eles, apenas o protesto, a indignação e o ressentimento eram suficientes para serem lembrados pela história.

Depois da guerra, muitas pessoas pediram pensão, soldos, ajuda médica e até mesmo um funeral digno. As histórias persistem ao longo do tempo, sendo registradas e relatadas como testemunhos da luta desses indivíduos por justiça e reconhecimento. As viúvas que buscavam pensões, as esposas que vendiam roupas para os filhos, todas essas histórias revelam a dignidade e a luta dessas mulheres em meio à adversidade.

Este relato tem como objetivo revelar os personagens esquecidos durante a Guerra do Paraguai, indivíduos comuns que não foram reconhecidos como heróis nacionais. É um esforço para encontrar um lugar na história para aqueles que foram esquecidos e para assegurar que suas histórias não se percam no esquecimento.

A partir das narrativas profundamente tocantes apresentadas, torna-se perceptível que a história da Guerra do Paraguai transcende os relatos de batalhas e estratégias militares, atingindo a essência das vidas daqueles que foram afetados por este conflito. As histórias de pessoas que ficaram viúvas, órfãs, feridas e desamparadas são tristes e muitas vezes não são contadas na história oficial. Embora não estejam registrados nos registros oficiais, esses indivíduos anônimos desempenharam um papel crucial nos bastidores da guerra, enfrentando dificuldades gigantescas e sofrendo consequências devastadoras.

Eles lutam por direitos, como pensão, assistência médica e reconhecimento pelo seu esforço. Suas narrativas revelam as injustiças e desigualdades que permeavam a sociedade da época. Ao dar voz aos indivíduos negligenciados e marginalizados, podemos enriquecer nossa compreensão do passado e estimular uma análise mais aprofundada da essência humana e da situação social.

Ao recordarmos aqueles que foram ignorados pela história oficial, podemos revelar suas histórias e celebrar sua coragem. Além das histórias de indivíduos marginalizados e esquecidos, a Guerra do Paraguai no Brasil do século XIX revela aspectos mais amplos sobre as consequências devastadoras de conflitos armados. A guerra não apenas ceifou vidas e causou danos materiais, mas também gerou um legado de sofrimento humano. As histórias de viúvas desamparadas, órfãs desprotegidas e soldados mutilados nos lembram das profundas feridas psicológicas e sociais que surgem com a violência da guerra.

Além disso, as histórias apresentadas revelam as diferenças sociais e a negligência estatal enfrentadas pelos mais vulneráveis durante e depois do conflito. A dificuldade em obter pensão, assistência médica e reconhecimento por serviços prestados demonstra a falta de apoio e proteção oferecidas pelo governo da época aos cidadãos que se sacrificaram para servir à nação. Essa negligência mostra falhas sistêmicas na estrutura social e política do Brasil do século XIX, destacando a necessidade de reformas e políticas mais inclusivas e compassivas.

A guerra, conseqüentemente, revela a complexidade das relações de poder e os efeitos desiguais que esses conflitos têm sobre diferentes grupos sociais. Enquanto os líderes políticos e militares podem comemorar as suas conquistas, os mais vulneráveis são deixados para enfrentar as consequências devastadoras da guerra. Isso nos lembra que não devemos apenas considerar as narrativas oficiais e glorificadas, mas também as experiências e perspectivas daqueles que foram excluídos e silenciados pela história.

A Guerra do Paraguai, ocorrida no Brasil no século XIX, revela aspectos mais amplos sobre as consequências devastadoras de conflitos armados. A guerra não apenas ceifou milhares de vidas, como também deixou um legado de sofrimento humano que deve ser esquecido. As narrativas de viúvas desamparadas, órfãos desprotegidos e soldados mutilados ou enlouquecidos nos remetem às profundas feridas psicológicas e sociais causadas pela violência da guerra.

Por fim, as histórias apresentadas mostram a omissão, muitas vezes, do governo monárquico em relação aos mais vulneráveis durante e depois do conflito. A dificuldade em obter pensão, assistência médica e reconhecimento por serviços prestados revela a falta de apoio e proteção oferecida pelo governo da época aos cidadãos que se sacrificaram para servir à nação. Essa falta de cuidado mostra problemas na estrutura social e política do Brasil do século XIX.

A guerra também mostra a complexidade das relações de poder e os efeitos desiguais que esses conflitos têm em diferentes grupos sociais. Enquanto o império e o exército podiam celebrar conquistas, os cidadãos comuns que se apresentaram como voluntários ou foram recrutados à força eram deixados para lidar com as consequências devastadoras da guerra. Isso nos força lembrar da importância de considerar não apenas as narrativas oficiais e glorificadas, mas também as experiências e perspectivas daquelas que foram marginalizadas e silenciadas pela história.

REFERÊNCIAS

- ANSART, Pierre. História, testemunho e Memória. In: BRESCIANI, Stella e Naxara Márcia (orgs.) Memória (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 2000
- BENJAMIN, Walter et. all. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BOCCANEIRA JR, Sílio. A Bahia na Guerra do Paraguai In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n. 72, 1945.
- BRUSCHINI, C. & SORJ, B (org.). Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994.
- CHAVES, Marcos Antonio et all.. Significados de Proteção a Meninas Pobres na Bahia do Século XIX. In: Psicologia em Estudo. Maringá. V. 8, 2003.
- COSTA, Suely Gomes. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. Revista. Estudos. Feministas. Jul./Dez. 2002, vol.10, no.2, p.301-323.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- DUARTE, General Paulo de Queiroz. Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v.1. 1981.
- GAGNEBIN, jannine Marie In: BRESCIANI, Stella e Naxara Márcia (orgs.) Memória (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 2000
- HAROCHE, Claudine e SEIXAS, Jacy. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Colóquio Internacional. Cardenos de Resumo. SP: UNICAMP, 2004.
- LOPREATTO, Christina. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Colóquio Internacional. Cardenos de Resumo. SP: UNICAMP, 2004
- MATTOSO, Katia M. de Queirós. Bahia: A cidade do Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo: Hucitec. Secretaria de Educação e Cultura, 1979.
- POMER, Leon. A Guerra do Paraguai, A grande tragédia Rio-platense. São Paulo: Global, 1980.
- QUERINO, Manoel. A Bahia de outrora: vultos e fatos populares. Bahia: Livraria Econômica, 1922.
- RODRIGUES, Marcelo Santos. Os (in) voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai: A participação da Bahia no conflito. Bahia: tese de mestrado em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA , 2001.
- SILVA, T. T. (org). Identidade e diferença. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.